

Especulação, aceleração, e o meio do caminho*

Mohammad Salemy
(Tradução de Romulo Moraes)

* Este pequeno artigo foi lido em um debate organizado para o lançamento do volume *Realism Materialism Art*, editado por Cristoph Cox, Jenny Jaskey e Suhail Malik, no New Museum, em Nova York.

Obrigado a todos que estão aqui hoje à noite, e também obrigado a Suhail, Cristoph e Jenny por me convidarem para ser um dos participantes dessa discussão de lançamento do livro.

Farei brevemente, senão também caoticamente, descrições filosóficas, políticas e antropológicas de como e por que o *mainstream* acadêmico tenta rejeitar, suprimir e, ao mesmo tempo, recuperar o discurso do aceleracionismo, e que ações e inações daqueles envolvidos nesse movimento contribuem para o sucesso ou para o fracasso de suas estratégias.

Em primeiro lugar, consideremos a relação entre o realismo especulativo (ou SR [“speculative realism”]) e a aceleração: vale mencionar que tanto o pensamento de Nick quanto o de Alex, do Manifesto, tem um fundo realista especulativo. Nick foi um dos fundadores do blog *Speculative Heresy*, e Alex contribuiu para seu blog filosófico *Splintering Bone Ashes*. O que desviou o interesse deles do puramente filosófico para a economia política foi a crise econômica de 2008 e a insuficiência das respostas da esquerda a essa crise. As tentativas fracassadas do esquerdismo incluíam a Primavera Árabe, o Occupy Wall

Street e os novos movimentos estudantis pelo mundo, na medida em que nenhum desses foi capaz de articular corretamente uma nova política geral, universal e prática para século XXI.

Você pode ter notado que o Manifesto *#Accelerate* também indica, em forma e conteúdo, a limitação da filosofia em situações de crise como a de 2008, e portanto, a necessidade de uma reviravolta completa da especulação à política econômica propriamente dita. Mas é importante notar também que essa virada política do Manifesto foi fortemente filtrada pelo próprio realismo especulativo: em um sentido positivo, porque os dois movimentos compartilham de uma ênfase na materialidade e no papel da tecnologia, e em um sentido negativo, devido ao fracasso espetacular do SR em fundar uma nova epistemologia conforme as exigências do aceleracionismo. Ainda assim, o SR ofereceu uma saída para os ciclos viciosos da teoria continental através das obras de Ray Brassier e Reza Negarestani, principalmente em suas defesas do iluminismo e da razão, no movimento que mais tarde foi chamado de neoracionalismo. Então a acusação de que o realismo especulativo seria apolítico passou a ser injusta e realmente sem fundamento, não porque Brassier e Negarestani abordam temas políticos diretamente – eles geralmente não o fazem – mas porque seus trabalhos têm implicações políticas óbvias, que aparecem ramificadas no pensamento de outros teóricos aceleracionistas. Particularmente, o tipo de realismo desses dois fornece uma nova maneira de pensar sobre o político, que não é sobredeterminada e limitada pelo anarco-marxismo ocidental e sua aversão a instituições e planejamento social, nem pelo discurso político dominante do pós-estruturalismo, nem tampouco pelo hiper-relativismo la-touriano que insiste em afirmar que tudo é uma rede.

Mais especificamente, Brassier nunca se interessou pelo misticismo e até niilismo do SR, e, por meio de seu trabalho, expandiu os argumentos niilistas para além de seus limites, descobrindo, no processo, maneiras de sintetizar a rigorosa imanência materialista de Laruelle com o materialismo especulativo de Meillasoux, e combinando-os com seu então-recente interesse pelos conceitos de “imagem científica” e “imagem manifesta” de Wilfrid Sellars. Em contraste, o trabalho de Negarestani se tornou o ponto de encontro entre a especulação e Charles Sanders Peirce, especialmente devido à abordagem determinista deste autor ao passado e ao futuro, numa espécie de materialismo histórico invertido, em que a noção de local e global expressam o que geralmente chamamos de material e ideal.

Essas abordagens de certa forma representam o abandono do binarismo fenomenológico entre tempo e espaço, concentrando-se, em vez disso, em interiores e exteriores e como eles se constituem por meio do movimento e da navegação pelo pensamento ou pelos recursos cognitivos do intelecto coletivo. Por último ainda, um outro ramo de aceleracionismo especulativo, no qual me insiro, emerge do trabalho de Suhail Malik sobre economia política e finanças, via seu interesse no pensamento de Jonathan Nitzan e Shimshon Bichler, e que resulta em um grande ensaio para o volume VIII da *Collapse*, intitulado “The Ontology of Finance”, no qual se argumenta que a aceleração devia abandonar as noções marxistas de trabalho e produção para utilizar as finanças como tecnologia de construção de um futuro pós-capitalista.

É muito impressionante como grupos de pessoas inteligentes e altamente instruídas podem, por motivos como a proteção de seu território acadêmico e sua popularidade intelectual,

perder a chance de se engajar com propostas tão diretas e fazer de tudo para deturpar, senão também manchar, esses novos conjuntos de ideias.

Agora, no estilo das apresentações do Oscar: aqui estão os cinco indicados para o prêmio de argumento mais mal informado de oposição ao aceleracionismo:

- A adoção aceleracionista da tecnologia é um retorno ao positivismo e ao empirismo tanto em sentido político-econômico quanto sociológico, abandonando a dialética e se voltando para a teoria dos sistemas.
- O aceleracionismo é uma veneração da velocidade pura, e de certa forma nada mais que a reaparição do futurismo, reflexo de uma pressa em destruir a antiga ordem sem considerar o aviso benjaminiano sobre o freio de emergência no trem do progresso.
- Uma ênfase repetitiva no débito definidor do aceleracionismo ao espectro Deleuze/Nick Land, seja niilisticamente em direção ao colapso total ou construtivamente em direção a uma forma libertária de capitalismo global.
- Há também uma crítica, muitas vezes embrulhada em jargão feminista/pós-colonial, de que o aceleracionismo é essencialmente um clube de garotos brancos tentando se mascarar como um novo movimento político universalista.
- O aceleracionismo é uma forma de reformismo, uma camada de tinta fresca sobre a social-democracia, o *Welfare State* e Habermas, que oferece soluções tecnológicas e de design para problemas essencialmente políticos e econômicos em relação aos quais só pode haver esperança revolucionária.

Além de expor essas críticas frequentes, que medem o aceleracionismo como uma doença herdada do século XX, eu gostaria

de oferecer alguns *insights* e talvez criticar ou sopesar erros desse movimento intelectual, falando de dentro de suas fileiras e buscando fornecer alternativas positivas para seguir adiante.

- Abandonar as mídias sociais e seus adversários e recusar-se a combatê-los diariamente nesses meios é, basicamente, abandonar o projeto de levar essas ideias para as massas. O resultado é ter que tolerar a formação de grupos fechados em mídias sociais privadas, os quais levantam muros para excluir aqueles que não apoiam totalmente os principais conjuntos de ideias aceleracionistas, impedindo a formação de alianças e coalizões políticas.
- Recuar para o marxismo e adotar aspectos da teoria do valor-trabalho em oposição a teorias político-econômicas mais recentes. Há necessidades antropológicas, como a de obter emprego estável após anos de estudo intenso, aceitar teorias econômicas marxistas ou favorecer novas leituras de Marx para não ofender os marxistas clássicos que dominam o discurso político nas universidades. Um sintoma disso é a maneira como alguns aceleracionistas não perdem a chance de atacar Nitzan e Bichler sem embasar suas críticas, endossando posições marxistas clássicas contra a teoria do valor-poder apresentada por eles em *Capital as Power*.
- Evitando uma abordagem direta à política real e também à política da estética e da arte contemporânea, falando apenas esotericamente sobre o que é acessível aos iniciados. No ano passado, em meio às guerras da Faixa de Gaza, enquanto o curso de verão do novo racionalismo acontecia em Berlin, não houve tentativa, por parte das pessoas envolvidas, em relacionar a programação com o que estava acontecendo geopoliticamente naquele

momento, apesar de Ray Brassier ter discutido abertamente a questão do Oriente Médio em entrevistas e ter demonstrado apoio tácito à autodeterminação da Palestina.

– Brassier se recusa, em nível maior ou menor, a falar sobre o lugar da arte visual em seu pensamento, e não só Reza nunca publicou o artigo “Human Centipede”, resultante de sua palestra para a e-flux em 2013, como, surpreendentemente, escreveu um ensaio sobre o artista francês Jean Luc Mouelene, que, de acordo com muita gente, segue estratégias estéticas normativas do sistema da arte, e já foi criticado por artistas e curadores envolvidos com o neoracionalismo.

– Houve um abandono do termo “aceleracionismo”, cedido a uma repaginação como assinatura de marca, tipo No Name ou President’s Choice, para identificar um movimento menos ofensivo à aliança marxista/pós-estruturalista/latouriana/liberal que controla os departamentos acadêmicos de ciências humanas, como também os museus e as maiores galerias do mundo.

– Não configurar instituições ou processos que sejam eles mesmos aceleracionistas significa fracassar politicamente, e por isso trabalhar às margens da teoria/academia, na prática desistindo da construção e aplicação de uma nova hegemonia, conforme o próprio aceleracionismo propõe.

Já existem exemplos por aí de espaços onde o aceleracionismo não apenas é discutido e promovido, mas também realizado:

1. The New Centre for Research & Practice (Jason Adams, eu e Tony Yanick)
2. Fixing the Future (Diann Bauer, Joshua Johnson, Suhail Malik, eu e Keith Tilford),
3. Uberty.org (Joshua Johnson)

Esses três diferentes espaços de prática do aceleracionismo não só aderem à tecnologia ou se movem rapidamente entre novas formas de conhecimento como constroem novas hegemonias. Eles apoiam, pela execução, a noção de que é preciso ter e fazer valer opiniões e posições, além de exporem essas posições de maneira acessível a grandes grupos de pessoas. Rejeitar o elitismo editorial da academia é muito importante, mas minimizar intencionalmente a distribuição para tiragens pequenas em papel de alta qualidade, etc, ou então só trabalhar com aqueles que estão 110% de acordo com suas ideias, pode levar a uma relutância (que já é forte demais) em formar coalizões, e assim nunca romperemos conjuntos definidos de ideias para culminar em movimentos sociais e políticos como os que testemunhamos no século XX.

O que precisa ser feito? Como não temos muito tempo sobrando, quero destacar duas propostas que podem nos ajudar a avançar:

- Desenvolver ainda mais plataformas visando entender como o capitalismo administra o futuro e como esse mecanismo poderia ser, sem destruição e derramamento de sangue, recuperado e posto na direção de um horizonte pós-capitalista.
- Pesquisar de modo a preencher a lacuna entre as ciências, a arte e a filosofia de maneira produtiva para garantir que o novo conhecimento seja mais capaz de navegar na direção do pós-capitalismo do que de ajudar os poderosos a complexificar ainda mais as estruturas de poder existentes, algo que tenho chamado de epistopolítica, para me referir ao ganho em conhecimento por meio da imediata politização dos desalinhados rumo à emancipação.